

Por que ler Ana Maria Machado

No volume de estréia da série *Como e por que ler*¹, me reencontro com a Ana Maria Machado leitora. Dessa vez, pelo diálogo introdutório que mantém com Harold Bloom², Italo Calvino³ e Pedro Salinas⁴ e, mais tarde, por me deixar à vontade na “Sagrada Escritura”, “Entre gregos e troianos”, nos “Mundos descobertos e sonhados”, “Eternos e sempre novos”, vivendo, em “Um mar de histórias marítimas”, “Aventuras sem fim, tendo “Emoções no dia-a-dia”, ela me convence de que a literatura guarda “Encantos para sempre”. De igual modo, ela me convence de que “Navegar é impreciso”, sobretudo quando o navegar se faz pelas páginas dos clássicos, livros que exercem uma influência particular, quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Calvino (1993).

Isso que me foi dado concluir da leitura algum tempo feita, pode-se tornar motivo para leitores não retardarem encontros com os que na obra se inscrevem de A a W, tais como: Alexandre Dumas, Bartolomeu Queirós, Charles Perrault, Charles Baudelaire, Clarice Lispector, Daniel Defoe, Eça de Queirós, Edgar Allan Poe, Fiodor Dostoievski, George Orwell, João Guimarães Rosa, José de Alencar, Luís Vaz de Camões, Machado de Assis, Marcel Proust, Monteiro Lobato, Oscar Wilde, Rudyard Kipling, Thomas Mann, Victor Hugo, William Shakespeare.

E, quando os encontros se fizerem com todos eles, gostaria de já ter contribuído para que cada leitor (a) tivesse uma motivação a mais para responder: Por que ler Ana Maria Machado? Espero que a encontrem no que segue escrito.

Os muitos anos de morada nos livros de Lobato me fizeram um dia concordar, afinal, com a idéia de que a literatura é uma só. Não importa a pátria, o sangue, o gênero; não importam as letras. Os adjetivos, termos sem autonomia, atrelados a outros nomes que lhes dão vida, observação incontestada feita por Emília, quando da sua inesquecível visita ao Bairro dos Adjetivos na companhia de Quindim, somente servem para restringi-la, para limitar o seu alcance: infantil, juvenil, infanto-juvenil, adulto... Alcance invariavelmente regulado, ora por um termo: exclusivamente, ora por dois: faixa etária.

Lícia Maria Freire Beltrão

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFBA
liciafb@bol.com.br

(1) Ana Maria Machado. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

(2) Harold Bloom. *Como e Por que Ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

(3) Italo Calvino. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

(4) Pedro Salinas. *Ensayos de Literatura Hispánica*. Madrid: Aguilar, 1958.

Concordar com a idéia e discordar dos termos foi o motivo por que pude alcançar, no início da década de 80, já leitora adulta, a obra de Ana Maria Machado e mantê-la, até hoje, ao alcance de minhas mãos, dos meus olhos para as muitas alegrias do meu coração.

As palavras que inauguraram o contato com a obra, diferentes do era uma vez..., afetaram minha curiosidade: - E gente enferruja? (*Raul da Ferrugem Azul* - 1979) e me trouxeram sensação de cumplicidade plena: "Sabe? Vou lhe contar uma história que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver". (*Bisa-Bia, Bisa-Bel* - 1982). Outras que as sucederam, por outras razões, em diferentes momentos, me fizeram conhecer a Menina Bonita do Laço de Fita, Menino Poti, Mico Maneco, Bruno, Gabi, Dora, Totinho, Jacira, Marina, Cíntia, Severino, Manuel, Chiquinha, Taís, Helô que, entre tantos mais, vêm constituindo, conforme idéia colhida em Affonso Romano de Sant'Anna, minha outra família, minha família literária, conseqüência de recepção que sempre quero estética e amorosa.

As palavras que me falaram sobre Ana Maria chegaram mais tarde. Carioca, nascida em Santa Tereza, 33 anos de carreira, mais de 100 títulos editados no Brasil e muitos em 17 países do mundo. Pintora, jornalista, tradutora, conferencista. Membro da Academia Brasileira de Letras, desde 2003, ocupando a cadeira de número hum. Outras que me saltaram aos olhos me diziam sobre a sua formação acadêmica e mais detalhes sobre uma das suas experiências profissionais. Graduada em Letras Neolatinas, lecionou, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Teoria Literária como auxiliar do poeta Augusto Meyer e Literatura Brasileira como auxiliar de Afrânio Coutinho. A Pós-Graduação em Lingüística, feita na École Pratique des Hautes Études, lhe valeu o título de Doutora, defendendo tese, orientada pelo semiótico francês, Roland Barthes, sobre o universo literário de Guimarães Rosa, à luz do nome de seus personagens, publicada com o título *Recado do Nome*, divulgada pela Editora Imago, em 1976. A análise vertical do nome próprio na narrativa roseana, examinando as relações existentes entre a onomástica em causa e a estruturação da própria narrativa, e a sensibilidade revelada na apreensão da linguagem, em suas conotações sutis, são, no parecer de Nelly Novaes Coelho (1984), fatores ponderáveis na criação do seu estilo.

Entre palavras escritas por ela, e disponíveis em *Esta força estranha: trajetória de uma autora*, publicação da *Editora Atual*, 1996, descobri a sua militância política, os anos de exílio, o seu amor pela música, pela pintura, pela família, o orgulho pela linhagem de mulheres que a precederam, pela justiça, pela liberdade, pelo semelhante e, sobretudo, pela leitura, pelos livros o que confessa com tom convicto: “Podia até não saber se queria escrever. Mas sabia que gostava de ler”.

Das histórias contadas pelos pais e avós (as *Histórias de Miguelzinho* contadas pela avó Ritinha se destacavam como as melhores já ouvidas) às leituras de Daudet e Anatole France, recomendadas por Madame Caroline, professora de francês no curso ginásial, as suas experiências leitoras foram preenchidas pelas aventuras de Chiquinho, Benjamim, Jagunço, Bolão e Reco-Reco, contadas no *Almanaque do Tico-Tico*, pelas de Juca e Chico, personagens de contos alemães, tradução de Bilac, por um Robison Crusoe integral, imenso, ilustrado por Carybé, e mais: por piratas, corsários e capitães para todo gosto, por Tarzans em todas as selvas, pimpinelas escarlates e tulipas negras em meio a revoluções, pelos lobos-do-mar e baleias brancas pelos sete mares, tesouros, ilhas, desertos, pelo oeste bravio de Winnetou, pelos bosques amenos do *O último dos moicanos*, pelos delírios científicos de Julio Verne, pelas deduções inteligentes de Sherlock Holmes, pela ousadia misteriosa de Arsene Lupine, por todas as sagas dos cavaleiros da *Távola Redonda* e dos *Doze Pares de França*, em que flechas negras e cruzadas coloriam os reinados de Artur, Carlos Magno ou Ricardo, Coração de Leão, e competiam com o mais adorado de todos os seus heróis - Robin Hood. Foi, no entanto, *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, o livro fundador, que marcaria sua vida para sempre. Assim como marcariam os encontros com Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, cronistas prediletos, e com Rubem Braga sobre quem assim depõe: “Nenhum me fascinava como o Braga, pela maneira como escrevia, pela sua capacidade de captar a poesia do cotidiano, de usar um fiapo de assunto e ir tão longe... Eu recortava e guardava o que ele escrevia. O que ele fazia com as palavras era tão bonito que me dava um aperto no coração, vontade de chorar, de sorrir, de gritar para o céu, sei lá... Sei, isso sim, que depois do choque infantil com o Érico Veríssimo e sua imagem dos pés da menina Joana d’Arc, foi com Rubem Braga que eu tive essa segunda

traulitada: meu Deus, dá para se fazer isso com a língua! Se é possível alguém fazer isso, então também quero.” E fez! Melhor, tem feito.

Com a vontade consciente de domar as palavras, com a clareza de que a nitidez dos conceitos não deve se esconder atrás da obscuridade dos termos e de que o intelectual não pode virar as costas à democratização do debate e à popularização do conhecimento, Ana Maria vem construindo sua obra. Fiel à compreensão de que o português do Brasil deve ser mais doce, mais colorido, mais rico do que o que herdamos, mostra, em cada escritura, o seu querer: “Quero a língua brasileira com sua flexibilidade, sua variedade, seu ritmo, sua dança, sua ginga inventiva, seu jogo de cintura, sua irreverência. “

A partir de 1968, a *Editora Abril* inicia a divulgação dessa que se tornou sua política de escrita, publicando seus contos na *revista Recreio*, revista pensada para crianças. Em 1977, a mesma editora reuniu os seus contos de maior sucesso, Severino faz chover, Currupaco Papaco e Camilão, o Comilão e os incluiu na coleção *Histórias de Recreio*.

Foi em 1977, também, a publicação pela Salamandra de *Bento-que-bento-é-o-frade*, ilustrado por Maria Cecília Marra, título que marcava sua estréia como escritora de livros da literatura tida como infantil, muito embora declare (1999): “O que me interessa é o substantivo, a literatura, não o adjetivo”. As histórias nele registradas mostram flagrantes do cotidiano infantil, centrados em brincadeiras que os novos tempos foram tornando esquecidos. Através de situações armadas com humor, os jogos antigos vão sendo redescobertos e a literatura, ao registrá-los, livra-os do esquecimento total, comenta Nelly Coelho (1984). Misturadas às travessuras, a narrativa vai transmitindo ao leitor/ouvinte observações muito curiosas e pitorescas acerca das coisas simples da vida diária, - coisas que de tanto serem vistas ninguém enxerga.

Observações igualmente curiosas podem ainda ser lidas em *História meio ao contrário*, Ática, 1979, *Era uma vez um tirano*, Salamandra, 1982, *Hoje tem espetáculo* (dramaturgia), Nova Fronteira, 1983, *Tropical sol da liberdade*, Nova Fronteira, 1988, *Uma vontade louca*, Nova Fronteira, 1990, *Beijos mágicos*, FTD, 1996, *Que lambança!*, Salamandra, 2003, entre outros. Em *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, Ática, 1999 e em *Texturas: sobre leitura e escritos*, nova Fronteira, 2001, os textos reunidos são de

linhagem diferente. Artigos, palestras, concepções e convicções sobre o mundo da leitura, sobre sua leitura de mundo se alinham na defesa de uma política de leitura na qual prevaleça o direito do leitor, não o seu dever.

O seu modo peculiar de escrita, que parece caber toda a humanidade, foi ganhando críticos comentários que vão firmando o seu conceito. Na série *Literatura Comentada*, Editora Abril, 1982, Marisa Lajolo se refere à sua produção, dizendo: “Por muitos anos e livros, a literatura infantil alimentou-se de fadas e madastras, reis e dragões. E quando não eram varinhas de condão e castelos encantados, o que recheava os livros para as crianças eram histórias exemplares de crianças igualmente exemplares. Viviam todos num mundo arrumadinho, onde as travessuras eram sempre castigadas, por mães e mestres invariavelmente sábios e justos. Em relação à tradição notam-se, nos textos de Ana Maria, dois movimentos: fica claro, de um lado, que o projeto da escritora tem muito a ver com o projeto lobatiano de renovação da literatura infantil brasileira; de outro fica igualmente patente seu esforço de ruptura com o que se pode chamar de tradição alienante e ou escapista da literatura voltada para as crianças.

O trocadilho, a paródia, o *nosense* abrem espaço em suas histórias, fecundando-as com um dos procedimentos mais caros à literatura contemporânea: a auto-referência do código que, desnudando-se a si mesmo, aponta para o provisório da significação, para a constante busca de significação, que só compete ao homem.”

Sobre aquele que é tido como um dos mais importantes livros da sua obra, um mágico e pungente inventário da opressão do índio e do negro, *De olho nas penas*, Salamandra, 1981, ganhador do prêmio de Las Américas, em Cuba, 1981, e o da Associação Paulista de Críticos de Arte de Melhor Autor Juvenil, Laura Sandroni,(1982) considera: “O poder criativo de Ana Maria se evidencia ainda mais fortemente nesse texto. Sua força poética tem um vigor que muitos duvidarão de que seja literatura juvenil. Mas os jovens certamente compreenderão essa linguagem em que a metáfora predomina, porque a fantasia é a sua forma de expressão. Tal como Ananse, a aranha que ganhou dos deuses uma cabeça com todas as histórias do mundo, Ana Maria Machado tece com suas narrativas ‘uma teia bonita e resistente que agüenta todo o peso do povo de uma aldeia, de uma nação, de uma terra.’ Sua constante preocupação em buscar nas raízes culturais brasileiras a

matéria de sua ficção não impede de tratar dos temas mais atuais da nossa realidade. Ao contrário, dão-lhe o terreno fértil de que necessita para plantar sua obra, já bastante ampla e das mais significativas no panorama literário do Brasil de hoje.”

Conceitos como tais têm conferido à sua obra sucessivos prêmios. Cito a exemplo: *História meio ao contrário*, 1978. Prêmios: Jabuti, 1978, *Melhores do ano* pela Fundalectura, Bogotá, 1994; *O menino Pedro e seu boi voador*, 1979. Altamente Recomendável, FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), Lista de honra do IBBY (International Board on Books for Young People), 1982; *Palavras, palavrinha e, palavrões*, 1981. Prêmio APPLE, Genebra, Suíça; *De fora da arca*, 1996. Prêmio Cocori, Costa Rica, 1993, Prêmio UBE, 1994; *Peter Pan*, 1992. Altamente Recomendável, FNLIJ, Melhor livro traduzido, 1992, Lista de honra do IBB4, 1994. *Contra corrente: conversa sobre leitura e política*, 1999. Prêmio Cecília Meireles, FNLIJ. O definitivo reconhecimento internacional da sua obra veio com o Prêmio Hans Christian Andersen, uma espécie de Nobel da Literatura Infantil, em 2000. E o nacional, pelo conjunto de sua obra, com o Prêmio Machado de Assis, em 2001.

Pela literatura e pelo Brasil, Ana Maria corre o mundo. Em Pittsburgh, nos EUA, fala sobre arte e censura no Brasil dos anos 70; em Bolgna, Itália, supervisiona o estande brasileiro na Feira Internacional do Livro Infantil; em Luanda, Angola, coordena uma oficina de criação literária; em Nicósia, Chipre, fala sobre literatura infantil brasileira; em Basiléia, na Suíça, discorre sobre literatura infantil na América Latina; em Bratislava, Tcheco-Eslováquia, participa de um seminário internacional de ilustrações; em Tóquio, Japão, com uma produção sua, é aberto o congresso do IBBY; em Kingston, Jamaica, representa a Unesco num congresso sobre o fomento da literatura infantil no Caribe.

Correndo o mundo, vai tecendo e retecendo linhas, lãs, fiapos, fazendo texturas. Convocando os que, como você, estão no caminho para produzir uma outra história de leitura para este, para aquele, para quaisquer países, em que os grupos humanos se reconheçam nas letras, nas palavras, nos tons, nos textos e continuem a narrativa iniciada meio ao contrário :

...então, eles construíram um tipo específico de corrente. Contra o corrente, contra a corrente, elos de ferro, e fizeram, naquela comunidade leitora, uma conta corrente da qual se podia sacar, à vontade, letras,

palavras, textos, livros que permitissem aos homens movimentos livres, transgressões responsáveis! ⁵ Construção intertextual, consideradas idéias do Prefácio de *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, Ática, 1999 e de *História meio ao contrário*, Ática, 1979.

(5) Construção intertextual, consideradas idéias do Prefácio de *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, Ática, 1999 e de *História meio ao contrário*, Ática, 1979.

Referência

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. Estartégias de produção textual: um exercício polifônico. *Caderno de Letras: Revista do Departamento de Letras Anglo-Germânicas*. Rio de Janeiro. UFRJ, ano 18, nº 20, 2003 p. 163 - 177 ISSN: 1413-0238.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire Beltrão. Texturas: sobre Ana Maria Machado. *Presente!* Revista de Educação/Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica. CEAP, ano 1, nº 01, 2005. p. 45/49 ISSN: 1808-0669

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil/Juvenil Brasileira- 1882/1982*. São Paulo, Quíron/Brasília: INL, 1984.

LAJOLO, Marisa. Ana Maria Machado. *Série Literatura Comentada*. São Paulo: Editora Abril, 1982.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro:Objetiva, 2002.

MACAHADO, Ana Maria. *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. São Paulo: Atual, 1996.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

<http://www.moderna.com.br>

www.anamariamachado.com